

Carnaval, Turismo e Hospitalidade: a Escola de Samba Camisa Verde e Branco¹

Fernanda C. Schmidt Marques²
Sênia R. Bastos³

Resumo: O Carnaval, uma das maiores festas da cultura popular brasileira, possui origem europeia e foi trazido ao Brasil pelos colonizadores portugueses na forma de uma brincadeira de rua conhecida como entrudo. É um tempo suspenso, afastado das preocupações do cotidiano, um espaço imprescindível para nutrir e fortalecer as relações sociais e propício para a prática da hospitalidade. Hoje, os festejos desenvolvem-se de maneira diferente em várias regiões brasileiras. Considerado um atrativo turístico, o carnaval paulistano faz parte do calendário oficial de eventos de São Paulo e atrai milhões de visitantes para a cidade. Estuda-se aqui a hospitalidade, a sociabilidade e o turismo na Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco e sua quadra de ensaios como um espaço de convivência e de encontro. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, apoiada na pesquisa bibliográfica e etnográfica. Como método de coleta de dados são utilizados: registros no caderno de campo, registros fotográficos e realização de entrevistas com os integrantes da comunidade, além de um convívio junto à agremiação. A justificativa de escolha do tema e da agremiação sustenta-se na importância do carnaval como expressão cultural dos brasileiros, na afinidade da pesquisadora com o carnaval e no fato da agremiação ser a mais antiga da cidade. Foi contatado que a quadra do Camisa Verde e Branco funciona como um local de encontro e convivialidade, pois é lá que os membros da comunidade se encontram, sambam e fazem samba, auxiliando a fortalecer as relações sociais. Apesar do estímulo à participação de turistas nos ensaios, a comunidade se fecha sobre si, restringindo sua ampliação.

Palavras-chave: Carnaval. Escolas de Samba. Hospitalidade. Sociabilidade. Turismo.

Introdução

A hospitalidade aqui estudada baseia-se no conceito de dádiva proposto por Marcel Mauss, fundamento da sociabilidade humana. Segundo Mauss (*apud* Bastos, Bueno, & Salles, 2010), os atos de dar, receber e retribuir constituem a chamada tríplice obrigação, cujas doações recíprocas estabelecem as alianças (matrimoniais, políticas – trocas entre chefes ou diferentes camadas sociais –, religiosas – como nos sacrifícios –, econômicas, jurídicas, etc.) e também as relações sociais e de hospitalidade. Bueno (2008) afirma que falar em dádiva é falar em vínculos sociais e pactos entre as pessoas.

¹ A presente reflexão integra a dissertação de mestrado em desenvolvimento no Mestrado em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi.

² Bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e Mestranda em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi. e-mail: fernandacsmarques@gmail.com

³ Bacharel, Mestre e Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e Docente do mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. e-mail: senia@anhembimorumbi.edu.br

A hospitalidade baseia-se na questão do acolhimento ao outro – como evidenciado por Baptista (2002; 2008), quando discorre acerca dos chamados lugares de hospitalidade e das práticas de hospitalidade –, das relações e vínculos sociais advindos desse ato. Raffestin (1997) menciona as fronteiras, sejam elas físicas ou abstratas, existentes nesse processo e Gotman (2008) analisa as dívidas e obrigações que o forasteiro adquire ao ultrapassar essas fronteiras. Grassi (2004), por sua vez, pontua a questão da desigualdade de lugar e de estatuto entre hóspede e anfitrião.

O objetivo do trabalho é analisar a hospitalidade e a sociabilidade na Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco, a mais antiga da cidade de São Paulo, sua quadra de ensaios como um espaço de convivência e de encontro e também a relação entre o carnaval e o turismo. São entendidos como anfitriões os membros da comunidade envolvidos com a recepção de visitantes na sede social e quadra da agremiação, de maneira direta ou indireta; e são tidos como visitantes os moradores da região, os turistas e demais pessoas que, constantemente ou não, frequentam o local e consomem os produtos ou serviços oferecidos.

Analisar um local ou um lugar sob a ótica da hospitalidade implica em centrar a abordagem na perspectiva do anfitrião e, neste caso, recai no estudo de como a comunidade se relaciona com os turistas e forasteiros. Para refletir sobre a questão do turismo e do carnaval como uma festa que atrai, todos os anos, pessoas de diferentes lugares para a sua cidade-sede, a definição de turismo utilizada é a da Organização Mundial do Turismo⁴.

O Carnaval é uma festa trazida ao Brasil pelos colonizadores portugueses na forma de entrudo, uma brincadeira de rua que se popularizou e se transformou, introduzindo novas dimensões, cuja máxima expressão é o desfile das Escolas de Samba. Estas, por sua vez, originaram-se dos cordões carnavalescos de 1914, que desfilavam nas ruas principais de seus bairros de origem nos dias anteriores à quaresma. Essa festa portuguesa desenvolveu-se de maneira diferenciada em cada região do país: na Bahia, incorporou os ritmos africanos e sua expressão máxima, hoje, são os trios elétricos tocando músicas de axé; no Rio de Janeiro, se organizou em sociedades que mais tarde se transformariam em Escolas de Samba; e em São Paulo, sofreu influência da população rural, que ali se estabeleceu em decorrência da crise da economia cafeeira (Queiroz, 1999; Sebe, 1986; Simson, 2007).

O carnaval paulistano é uma tradicional festa que acontece anualmente, desde 1991, nos dias que antecedem a Quaresma, no Sambódromo do Anhembi, com o desfile das Escolas de Samba dos grupos Especial e de Acesso. O Grupo Especial é a primeira divisão do concurso das Escolas de Samba e é composto por quatorze agremiações. As divisões inferiores são chamadas de Grupo de Acesso e a cada ano, as duas escolas do Grupo Especial com menor pontuação no desfile caem para o Grupo de Acesso, assim como duas com melhor pontuação de Acesso sobem para o Grupo Especial.

⁴ A Organização Mundial do Turismo (OMT) é uma agência das Nações Unidas responsável pela promoção do turismo, cuja sede localiza-se na cidade de Madri, na Espanha.

Essa manifestação popular se caracteriza, atualmente, como um dos maiores símbolos da cultura brasileira, atraindo o interesse de estudiosos de diferentes áreas, tais como geografia, antropologia, economia, história, administração, letras, dentre outros. A maioria dos trabalhos se concentrou no estudo do desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, fato esse que, segundo Xavier (2010), pode estar relacionado à antiga função da cidade como capital do país, que “ditava” modos e costumes às demais cidades, e também à influência do samba carioca, impulsionado nos morros, e das agremiações carnavalescas que ali surgiram.

Dentre os livros que tratam do carnaval e das Escolas de Samba, destacam-se: Simson, 2007; Queiroz, 1999; Sebe, 1986; Blass, 2007. Dentre as dissertações, destacam-se as da área da geografia, da educação física e da antropologia, como Belo, 2008; Frangiotti, 2007; Xavier, 2010; Rosa, 1998; Soares, 1999; Oliveira, 1996. A maioria dos trabalhos analisados estuda somente o carnaval e/ou a agremiação carnavalesca, sendo poucos que se atêm a analisar o processo de produção do desfile. Até o presente não foi localizado nenhum trabalho da área da Hospitalidade e do Turismo, ou que trate das relações sociais entre os membros da comunidade das agremiações nem tampouco que trate especificamente da Escola de Samba Camisa Verde e Branco.

As reflexões que orientam este artigo resultam de pesquisa bibliográfica sobre os temas hospitalidade, festa, carnaval, turismo e Escolas de Samba a fim de perceber a função social do carnaval como instrumento de formação de vínculos e identidade grupal e de sua quadra de ensaio como um lugar de encontro e convivialidade.

Os trabalhos de campo estão sendo realizados desde maio de 2013 e incluem: visitas constantes à quadra da Escola de Samba Camisa Verde e Branco, participação nos ensaios da bateria para o desfile de carnaval e nas reuniões da diretoria, conversas e entrevistas com diretores e demais componentes da Escola.

Com o intuito de realizar a pesquisa e entender o funcionamento da Escola de Samba, frequentou-se os ensaios para o carnaval, houve a participação nas reuniões e foi feita a carteirinha a fim de se tornar sócia da Escola de Samba. A produção dos dados se apoia na descrição de como a agremiação recebe, dos comportamentos da família⁵ entre si e com os visitantes, sem, contudo, nenhuma interferência na comunidade, respeitando a privacidade, as diferenças, os hábitos e a alteridade.

O Carnaval, as Escolas de Samba e o Camisa Verde e Branco

O Carnaval é uma das maiores festas da cultura popular brasileira e, juntamente com o futebol, um dos símbolos da brasilidade (Sebe, 1986). O carnaval brasileiro não possui uma

⁵ Entendem-se como família, no presente caso, os membros da agremiação que possuem a carteirinha de sócio e participam de praticamente todos os ensaios para o carnaval e eventos realizados na quadra da escola de samba.

história linear, com um desenrolar de etapas. Na sua trajetória, foi acumulando influências e recebendo acréscimos, levando a manifestações múltiplas em um amplo processo de resignificação (Simson, 2007).

Trata-se de uma festa trazida ao Brasil pelos colonizadores portugueses no século XVII que consistia em brincadeiras de rua reunidas sob a designação de entrudo, cujo termo significava entrada e era celebrado, em Portugal, para comemorar o início da primavera. No Brasil, a festa era realizada, no início, na mesma época do ano, no entanto, com o advento do cristianismo, passou a ser realizada antes da quaresma, do Sábado Gordo à Quarta-feira de Cinzas. As práticas eram realizadas somente em algumas regiões ou aldeias, com pequenas variações de um lugar para o outro. Era uma ocasião de alegria e entusiasmo e embora toda a família participasse, as brincadeiras eram mais comuns entre os jovens (Queiroz, 1999).

Por ser realizado nos dias que antecediam o período de jejum da quaresma, o folguedo possuía um significado relacionado à liberdade – sentido que permanece até os dias de hoje no carnaval, uma vez que após a festa, é chegada a hora dos sacrifícios e das penitências – e eram comuns o consumo exagerado de comidas e bebidas, danças e zombarias públicas. As pessoas jogavam água, ovos, farinha e outros líquidos umas nas outras, levando, muitas vezes, ao descontentamento (Sebe, 1986; Simson, 2007).

Em Portugal, era uma festa restrita a algumas regiões e sua realização variava de aldeia para aldeia. Apesar das variações, havia alguns elementos comuns em quase todos os locais, tais como: o desfile de um boneco, a realização de banquetes, os grupos de jovens mascarados que circulavam pelas aldeias, os bailes que encerravam os festejos e as brincadeiras entre jovens de ambos os sexos ou entre família (Queiroz, 1999).

No Brasil, o entrudo encontrou receptividade na sociedade colonial, as brincadeiras obedeciam a limitações de sexo e idade e era inaceitável o revide por parte dos escravos. A participação das mulheres limitava-se ao espaço da casa, território feminino por excelência, enquanto a dos homens estendia-se à rua, que se configurava como outro campo de batalha. A participação dos escravos restringia-se à confecção dos elementos carnavalescos, à organização da festa e à sugestão de iniciativas de ataque e de defesa aos seus senhores. Eles podiam brincar entre si logo cedo, quando iam buscar água, ou no final do dia, após o término do trabalho (Queiroz, 1999).

Esses folguedos foram, gradativamente, adquirindo características particulares em virtude da influência de elementos das diferentes culturas dos povos que habitavam o Brasil. Como consequência, em cada região do país, o carnaval possui características específicas que condizem com os costumes locais (Simson, 2007).

O carnaval de São Paulo é um típico festejo de liberação em momentos mágicos, com transgressões protegidas pelo espírito do festejar. Simson (2007) aponta os dois tipos de carnaval que havia da cidade: o branco e o negro. O grupo negro concentrava-se nos bairros da Barra Funda, Bexiga e na Baixada do Glicério, lugares onde a tradição negra já era reafirmada. Nos

bairros operários, habitados, em sua maioria, por imigrantes italianos, portugueses e espanhóis, predominava um carnaval de forte influência europeia, no qual o mais importante era o visual, não a música. Enquanto os negros se concentravam na música, o samba, os brancos davam mais importância aos carros alegóricos, que eram elaborados nas horas de folga, e reproduziam marchinhas e sambas de sucesso.

No grupo negro, por sua vez, não havia carro alegórico. O estandarte bordado e as fantasias – que eram simples por falta de recursos – eram as únicas criações visuais. No entanto, a criatividade ganhava força na música, na dança e nos sambas compostos exclusivamente para os desfiles. Eles possuíam seu próprio conjunto musical, composto por instrumentos de sopro e de cordas, que, durante o ano, tocava em bailes pagos, arrecadando, assim, renda para a organização do desfile de carnaval (Simson, 2007).

Os cordões carnavalescos do início do século XX, que percorriam as principais avenidas dos bairros de origem e praças da cidade, foram os embriões das atuais Escolas de Samba. Enquanto os cordões desfilavam nas ruas dos bairros, havia um desfile vespertino de carros abertos e enfeitados, realizado pelas famílias de maior poder aquisitivo da cidade, na Avenida Paulista, o curso, que na década de cinquenta foi transferido para a Avenida Brasil, na região dos Jardins (Simson, 2007). Segundo Blass, (2007), o curso pode ter influenciado os atuais carros alegóricos das Escolas de Samba.

O primeiro cordão carnavalesco paulistano surgiu no bairro da Barra Funda, em São Paulo, em 1914. O Grupo Carnavalesco da Barra Funda, como foi denominado, foi o primeiro movimento cultural organizado dos negros e era liderado por Dionísio Barbosa, negro da primeira geração de escravos livres que veio ao Brasil. O bloco foi fundado nas imediações do Largo da Banana, na Barra Funda, próximo à linha férrea Sorocabana – local onde os negros se reuniam para vender as bananas que ganhavam como parte do pagamento pelos carregamentos que realizavam. Essa região, onde atualmente localiza-se o Memorial da América Latina, ficou conhecida por ser um reduto do samba, uma vez que os negros ali reunidos, em seus momentos de folga, faziam samba e jogavam tirica, uma luta semelhante à capoeira (Blass, 2007; Camisa Verde e Branco).

O Grupo parou de desfilar em 1936 em virtude das perseguições sofridas durante a Era Vargas (1930 a 1945), por ser confundido, devido à cor da roupa, com simpatizantes do Partido Integralista de Plínio Salgado (Camisa Verde e Branco).

As primeiras Escolas de Samba na cidade de São Paulo tiveram influência das agremiações cariocas de mesmo nome e surgiram na década de 1950. Em 1953, Inocêncio Tobias reorganizou o antigo grupo carnavalesco da Barra Funda e fundou o “Cordão Mocidade Camisa Verde e Branco”. O nome Camisa Verde foi escolhido pela população, pois os integrantes desfilavam uniformizados: de camisas verdes, calças brancas e chapéus de palha. Por imposição policial, tiveram que acrescentar o “branco”, para diferenciarem-se do movimento integralista. O grupo era constituído por homens que desfilavam ao som de marchas pelas ruas da Barra Funda, cantando e tocando instrumentos de percussão e harmonia (Camisa Verde e Branco). De acordo com Bueno (2012, p.

6), esse grupo foi “a primeira manifestação surgida como criação específica do carnaval popular de São Paulo, absorvendo influências dos ranchos cariocas” e também do “samba rural do interior de São Paulo”.

Em 1954, ano do IV Centenário da cidade de São Paulo, o desfile das Escolas de Samba foi realizado no Parque do Ibirapuera e, em 1968, a Prefeitura organizou o concurso entre as agremiações – que é realizado até hoje –, premiando as que obtivessem melhor classificação. Em 1967, o carnaval foi oficializado e, com isso, foram criadas normas para sua regulamentação, resultando na sua uniformização. Muitas agremiações deixaram de existir e outras se tornaram Escola de Samba, como é o caso da Vai-Vai e do Camisa Verde e Branco (Urbano, 2006 *apud* Belo, 2008).

No ano de 1972, o Camisa Verde e Branco passou para a categoria de Escola de Samba e ingressou no primeiro grupo do carnaval paulistano. Na época, o grupo era considerado um “quilombo urbano” em razão dos costumes e das características dos seus integrantes (Camisa Verde e Branco). Em 1973, os desfiles das Escolas de Samba passaram a acontecer em um local definido, a Avenida São João, e em 1977, foram transferidos para a Avenida Tiradentes. Com o passar do tempo, a passarela da Avenida Tiradentes começou a ficar pequena para a crescente estrutura das Escolas de Samba paulistanas e a realização dos desfiles se tornou um transtorno no trânsito da cidade (Belo, 2008).

Em janeiro de 1990, houve a regulamentação do carnaval paulistano, responsabilizando a Prefeitura pela sua organização e a tradição dos carnavalescos que saíam pelas ruas da cidade dançando e festejando ganhou um caráter competitivo. O crescente sucesso dessa manifestação levou a uma mobilização para a construção de um espaço permanente para a realização dos desfiles e, em fevereiro de 1991, foi inaugurado, no Parque Anhembi, o Sambódromo da cidade de São Paulo, o primeiro espaço permanente e adequado aos critérios de apresentação, onde são realizados os desfiles desde então (Belo, 2008; Simson, 2007).

A sede social e quadra de ensaios da Escola de Samba Camisa Verde e Branco situa-se na Rua James Holland, 663, no bairro da Barra Funda. O local é de fácil acesso, próximo à estação de trem e metrô Palmeiras-Barra Funda e à Avenida Marquês de São Vicente, sendo bem servido de linhas de ônibus. O barracão de alegorias localiza-se na Rua Sólon, no bairro do Bom Retiro, as cores oficiais são o verde e o branco, o símbolo é o trevo de quatro folhas, o orixá é Ogum (Camisa Verde e Branco).

No carnaval de 2014, foi comemorado o centenário da Escola com o enredo “O quilombo está em festa! Do Grupo Barra Funda ao Camisa Verde e Branco, vamos celebrar cem anos de história”, que contextualiza sua história desde o primordial Cordão da Barra Funda, passando pela sua fundação como Escola de Samba, até sua atual importância para o carnaval. Este ano, a Escola obteve o terceiro lugar do Grupo de Acesso, a segunda divisão, logo abaixo do Grupo Especial⁶.

⁶ Em 2014, fizeram parte do Grupo Especial as Escolas: Leandro de Itaquera, Rosas de Ouro, X-9 Paulistana, Dragões da Real, Acadêmicos do Tucuruvi, Vai-Vai, Tom Maior, Pérola Negra, Gaviões da Fiel, Mocidade Alegre, Nenê de

O Camisa Verde e Branco é um espaço agregador e de inclusão social e o carnaval é apenas uma das atividades desenvolvidas. São desenvolvidos dois projetos sociais, tributários da atividade principal: o Cisne do Amanhã e a Escolinha de Bateria. O primeiro tem como objetivo formar e aprimorar os casais de mestre-sala e porta-bandeira de agremiações do estado de São Paulo e o segundo tem o intuito de formar novos ritmistas (Camisa Verde e Branco).

O carnaval, embora se realize apenas uma vez por ano, possui uma produção que se desenvolve durante todo o ano, o que representa trabalho para muitos, mas também lazer e prazer com o envolvimento nos preparativos e nos ensaios. O ciclo carnavalesco se inicia, geralmente, após o período da quaresma. Durante o ano são vários os momentos fundamentais na preparação do desfile carnavalesco, a começar pela definição do tema (enredo) a ser apresentado no próximo ano. Nas semanas que antecedem o desfile, as quadras das Escolas de Samba ficam lotadas nos ensaios semanais. Os ensaios arrecadam fundos para a agremiação com a venda de roupas, bebidas e fantasias (Observatório do Turismo/São Paulo Turismo, 2014) e a produção dos desfiles consiste em eventos únicos, que se renovam a cada ano. Segundo Blass (2007, p. 41), o que caracteriza “o encanto da festa” é a “reprodução anual dos procedimentos e a rotina dos ensaios na quadra”.

Há três tipos de ensaios para o desfile de carnaval no Camisa Verde e Branco: de bateria, geral e técnico. Os ensaios da bateria acontecem na quadra, às quartas-feiras e aos domingos, tendo início entre os meses de junho e julho e a entrada é gratuita. Em meados de setembro iniciam-se os ensaios gerais, os quais contam com a participação de praticamente todas as alas que compõem o desfile carnavalesco e também acontecem na quadra. Esses ensaios são gratuitos apenas para os membros que possuem a carteirinha da agremiação; para os demais, há um custo de cinco reais até o mês de dezembro. No mês de janeiro do ano seguinte, a entrada passa a custar dez reais. Nos meses que antecedem o desfile carnavalesco são realizados no Sambódromo do Anhembi os chamados Ensaios Técnicos das agremiações pertencentes à primeira e à segunda divisão. Cada Escola tem direito a três datas para ensaios técnicos e algumas datas para os ensaios específicos, como o dos casais de mestre-sala e porta-bandeira, bateria ou comissão de frente. Nos ensaios técnicos, as agremiações têm a possibilidade de fazer um desfile próximo ao que acontecerá no carnaval e, dessa forma, minimizar, ou até erradicar, os possíveis problemas que possam comprometer o desfile oficial. É, também, uma forma de entretenimento para os membros das comunidades e para foliões em geral, que podem assistir aos ensaios gratuitamente.



Figura 1: Comissão de frente – 3º Ensaio Técnico no Anhembi – Fevereiro 2014

Fonte: Coletivo Arnesto

Após o término do carnaval, acontece a desmontagem e a reciclagem dos materiais utilizados nos carros alegóricos e nas fantasias. As esculturas das alegorias são retiradas e podem ser vendidas a agremiações menores ou de outras cidades. Essa reciclagem dos materiais, além de ser uma alternativa para liberar o espaço nas quadras e barracões para a produção do desfile do ano seguinte, é uma oportunidade para arrecadar recursos financeiros (Observatório do Turismo/São Paulo Turismo, 2014).

O Carnaval como Atração Turística

Embora a atividade turística exista há séculos, uma vez que o conceito de turismo surgiu na Inglaterra no século XVIII, seu estudo como ciência é recente, o que torna fundamental a sua conceituação. A definição de turismo utilizada neste trabalho é a da Organização Mundial do Turismo (OMT), que classifica o fenômeno como o deslocamento de pessoas para fora de seu local de residência, durante um período de mais de 24 horas (ou um pernoite) e menos de um ano consecutivo, por objetivos de lazer, negócios ou outros. A definição da OMT, embora não permita entender toda a complexidade do fenômeno turístico, auxilia na compreensão do seu significado. O turismo está relacionado às viagens e aos deslocamentos, no entanto, não são todas as viagens que são consideradas turismo. Para que haja turismo, é necessário o deslocamento, a

permanência no local de destino durante um determinado período e o retorno ao local de origem. Viagens com duração inferior a 24 horas são consideradas excursões (Ansarah, 2001).

Para a comunidade, turistas são quaisquer pessoas que, não sendo sócios, frequentam a quadra e os ensaios para o carnaval raramente, principalmente nas semanas que antecedem o desfile carnavalesco. Eles não possuem qualquer tipo de vínculo com a agremiação ou com a comunidade e não integram a chamada família. Os turistas são bem-vindos, embora a agremiação não desenvolva nenhuma ação com o intuito de captá-los e fazê-los participar dos ensaios e, muitas vezes, eles praticamente não são notados pela comunidade.

Há aqueles turistas que frequentam os ensaios esporadicamente por se identificarem com o samba ou com o carnaval, podendo ou não participar do desfile e há aqueles que compram a fantasia e participam apenas do desfile, sem participar dos ensaios. A participação de turistas estrangeiros acontece em alguns ensaios, geralmente em datas próximas ao carnaval, e percebe-se um cuidado especial com eles. Normalmente, há uma pessoa designada para acompanhá-los, que os recebe e os leva até um camarote exclusivo.

O desfile das Escolas de Samba de São Paulo é uma festa contagiante que atrai adeptos de todos os cantos do país e do mundo e faz parte do calendário oficial de eventos da cidade, tendo se consagrado como uma atração turística. Segundo dados do *site* Visite São Paulo, a cidade recebe cerca de 120 mil turistas na época do carnaval, sendo o décimo evento paulistano que mais atrai visitantes. Com relação à origem dos turistas, neste ano, os residentes em São Paulo representaram 76,5%, seguidos pelos turistas nacionais (13,1%), região metropolitana de São Paulo (8,5%) e turistas estrangeiros (1,9%) (Visite São Paulo, 2014; Observatório do Turismo/São Paulo Turismo, 2014).

Segundo Guimarães (2012, p. 76), o carnaval carioca já atraía turistas nos anos 1920, embora a oficialização do desfile das Escolas de Samba no Rio de Janeiro tenha ocorrido somente em 1932. A maioria dos turistas eram europeus e norte-americanos, os quais vinham em luxuosos transatlânticos, além dos argentinos. Era oferecido, pela Prefeitura do Rio de Janeiro, a esses turistas, estrangeiros ou não, que vinham ao Brasil para assistir aos festejos carnavalescos um baile à fantasia no Teatro Municipal da cidade.

Ao mesmo tempo em que aumentava o fluxo de navios de cruzeiro no porto do Rio de Janeiro, crescia o investimento público na propaganda turística do carnaval e também o controle sobre a festa, com uma tentativa de enquadrá-la dentro de um “modelo de urbanidade desejado pelas elites intelectuais e dirigentes” e de tirar do campo de visão dos turistas tudo o que não fosse adequado para a formação de uma boa imagem da cidade (Guimarães, 2012, p. 171).

De acordo com Wada (2003, p. 66), o turismo e a hospitalidade “não são antagônicos e precisam se complementar”. O benefício das duas áreas encontra-se justamente na sobreposição da mesmas, uma vez que o turismo concentra-se em entender o viajante – suas tradições, suas expectativas, seus relacionamentos, seus desejos e suas necessidades – e a hospitalidade se atém

ao anfitrião ou morador. Seja para o turismo ou para a hospitalidade, o foco exclusivo no viajante ou no turista é menos benéfico do que no relacionamento de ambos e na sua intersecção.

A Hospitalidade na Escola de Samba Camisa Verde e Branco

As definições de hospitalidade transpassam diversos campos do conhecimento, como, por exemplo, o dom e amizade e em todas as perspectivas de análise, ela é interpretada tendo em vista questão do acolhimento e da relação humana baseada na ação recíproca entre visitantes e anfitriões. Ela pressupõe uma continuidade, uma vez que ela se sobressai como um ritual. O hóspede de hoje pode se converter no anfitrião de amanhã.

Um dos papéis da hospitalidade é o de transformar as relações após os encontros, o que é evidenciado por Baptista (2002) ao ilustrar o relacionamento entre quem recebe e quem é recebido. De acordo com a autora, acolher o outro como hóspede representa aceitar recebê-lo em nosso território e colocar à sua disposição tudo o que temos de melhor. “A hospitalidade permite celebrar uma distância e, ao mesmo tempo, uma proximidade, experiência imprescindível no processo de aprendizagem humana” (Baptista, 2002, p. 162). As práticas de hospitalidade devem estar presentes em todas as situações da vida, ou seja, não devem se restringir à disponibilidade para receber o estrangeiro. É necessário que essa atitude de acolhimento e cortesia se estenda a todo o próximo, seja o vizinho, o colega de trabalho, um desconhecido. Deve-se oferecer o seu melhor sem, todavia, desrespeitar a condição de outro (Baptista, 2002).

A hospitalidade se caracteriza como um modo privilegiado de encontro interpessoal indicado pela atitude de acolhimento em relação ao outro, é a abertura da consciência para fora de si, testemunhada por outra pessoa. Baptista destaca a dimensão ética desse encontro, tentando evidenciar a necessidade de criar e alimentar lugares de hospitalidade – definidos por ela como “lugares de urbanidade, de cortesia cívica, de responsabilidade e de bondade [...], de afirmação identitária [...], lugares abertos ao outro”. –, nos quais surge a consciência de um destino comum e o sentido de solidariedade que motiva a ação solidária (Baptista, 2008, p. 6).

A quadra da Escola de Samba Camisa Verde e Branco é uma referência importante para os membros da agremiação e também para os moradores não apenas da Barra Funda, como também de bairros próximos. Ela se configura como um lugar de encontro e de sociabilidade; praticamente uma extensão da casa das pessoas que a frequentam. É lá que os membros se reúnem e se divertem, fazem samba e fortalecem os laços sociais. Em algumas ocasiões, os membros ali se reúnem para uma confraternização ou para a celebração do aniversário de alguém. Nesses encontros, a sede se caracteriza como um espaço de convívio e partilha, uma vez que cada um, dentro de sua possibilidade, leva bebidas e alimentos. A partilha do alimento também possui importante papel para a sociabilidade das pessoas. Sendo assim, podemos dizer que a quadra se configura como um lugar de hospitalidade, de acordo com a definição de Baptista (2002).

Como já destacado, o carnaval constitui um momento mágico, comporta um tempo especial, afastado do tempo repetitivo do trabalho e das preocupações do cotidiano. A quadra Escola de Samba, por sua vez, constitui um ambiente propício para a hospitalidade e para a sociabilidade, uma vez que as relações sociais são estimuladas e os relacionamentos interpessoais formam-se e ampliam-se. É um local onde as pessoas se integram, independente da classe social pertencente. Organizado pelos membros da Escola, o carnaval promove vínculos e a participação das pessoas é ordenada por sentimentos de solidariedade e doação, já que exceto o carnavalesco, o intérprete e a equipe de barracão, os cargos não são remunerados.

Constata-se uma classificação interna e não oficial que divide os frequentadores em três categorias: sambista, sambeiro e turista. Este não é sócio, não possui nenhum tipo de vínculo com a escola ou com a comunidade, frequenta alguns ensaios e eventos por curiosidade e diversão e só aparece nos meses que antecedem o carnaval. Esse frequenta esporadicamente e em eventos pontuais, não possui vínculo com a escola, desconhece as raízes da escola, pode ou não ser sócio e valoriza a agremiação, porém, não com o mesmo sentimento de pertencimento de quem faz parte da comunidade. Aquele é o sócio da comunidade, possui carteirinha, participa ativamente da vida da agremiação, conhece a história da escola, está sempre presente os encontros, ensaios e eventos e integra a chamada “família”. É esse sambista quem define o outro, o forasteiro, o turista e também o irmão.

Nesse sentido, de acordo com Raffestin (1997), é a hospitalidade que controla o rito de passagem do exterior para o interior; é quem autoriza a transposição do limite sem se valer da violência. O limite delimita o território urbano e o não urbano e pode ser tanto material como também imaterial ou abstrato. O limite material é a fronteira da cidade – neste caso, a porta de entrada da quadra da Escola de Samba; o imaterial é uma regra moral que faz alusão a códigos e valores que possuem sentido e valor no interior. Um turista pode ultrapassar a fronteira material da agremiação e, ao mesmo tempo, confrontar-se com o limite imaterial. Ou seja, embora ele esteja dentro da quadra e possa assistir ao ensaio, ele não integra a comunidade, não faz parte da “família” e continua sendo um estranho. Para passar do estatuto de turista para o de sambista e ser aceito na comunidade é preciso ultrapassar as fronteiras abstratas. Não há nenhuma regra ou rito de passagem para a conversão do turista em convidado, apenas pela convivência, pela confiança ou pela proximidade com algum membro da agremiação, um forasteiro pode, talvez, passar a integrar a família.

A integração à família, ou seja, a transformação de turista em sambista significa, portanto, que, de ser evitado e tratado com hostilidade, ele deve ser protegido, pois passa a integrar a comunidade. Gotman (2008, p. 117) faz referência às dívidas e obrigações adquiridas pelo turista após ele ser admitido na comunidade e afirma que o forasteiro, seja pobre ou rico, é sempre avaliado e deve se submeter de alguma forma a um “exame de aprovação”. Para Pitt-Rivers (2012), a lei da hospitalidade está fundada na ambivalência; ela impõe ordem e faz com que o desconhecido se torne conhecido.

A hospitalidade pressupõe uma desigualdade de lugar e de estatuto, entre aquele que recebe e aquele que é recebido. Um é o anfitrião e está no interior; o outro, que é recebido, está de passagem e encontra-se no exterior. A entrada em um lugar pode ser em um espaço geográfico ou psíquico – a penetração no território do outro. Ao receber o hóspede, o anfitrião o eleva ao seu nível (Grassi, 2004).

Nos ensaios para o carnaval, enquanto os adultos ensaiam, as crianças correm e se divertem com brincadeiras de bola. Algumas até arriscam alguns passos do samba e tentam participar do ensaio. Conforme o tempo passa e o carnaval se aproxima, os ensaios se intensificam, ficam mais sérios, com um caráter menos descontraído, e a quantidade de frequentadores – alguns assíduos e outros nem tanto – da quadra aumenta. Esses ensaios se caracterizam como momentos de convívio e sociabilidade para a comunidade, que espera chegar o final de semana para poder se encontrar. Após o término do ensaio, alguns membros da agremiação, aqueles pertencentes à família, permanecem, às vezes, no local, conversando, em uma confraternização.



Figura 2: Ensaio na rua em frente à quadra do Camisa Verde e Branco em dezembro de 2013

Fonte: a autora.

Além dos ensaios, são organizados alguns eventos e festas nesse período, que fortalecem a sociabilidade e a coesão interna, reforçam os vínculos sociais e afetivos entre os participantes e auxiliam na captação de recursos para o carnaval. Quando não há atividade na quadra, eles se reúnem na casa de algum dos membros.

Nesse sentido, o conceito de comunidade de Bauman (2003) fundamenta o presente estudo, dado que a agremiação se constitui como uma espécie de família, na qual os turistas e forasteiros interagem, mas não a integram de forma orgânica. De acordo com o autor, a comunidade é estruturada a partir de um sentimento de pertença a determinada coletividade e construída a partir de acordos e entendimentos. É um ambiente de lealdade, conforto e de acolhimento inquestionável; um lugar seguro, onde os indivíduos compartilham interesses comuns e em que se pode sempre contar com a ajuda e a boa vontade dos outros.



Figura 3: Carro alegórico do Camisa Verde e Branco ao final do desfile carnavalesco no sambódromo – Fevereiro 2014.

Fonte: a autora.

A relação com o bairro e os laços de vizinhança são relevantes, tanto que diversas escolas fazem, em seus nomes, uma referência aos seus bairros, como, por exemplo: Nenê de Vila Matilde, Unidos de Vila Maria, Unidos do Peruche, Morro da Casa Verde, Acadêmicos do Tucuruvi,

Príncipe Negro da Cidade Tiradentes, Paineiras do Sapopemba, Império de Casa Verde, dentre outras. Desde o início das manifestações, o sentimento de pertencimento ao lugar de moradia era significativo. Há uma espécie de fusão com o bairro e boa parte dos membros da comunidade mora ou já morou ali.

Além do site, a escola possui perfis na rede sociais *Twitter* (@CamisaVerde) e *facebook* (Camisa Verde e Branco - Oficial), onde divulga alguns de seus eventos e ensaios. Muitos eventos, como são realizados de maneira informal e somente para os membros, não são divulgados no site nem nas redes sociais e muitas vezes, nem mesmo a secretária está ciente dos eventos. Foi constatado que a divulgação dos eventos e reuniões entre os membros, além de ser realizada no *site* da agremiação e nas redes sociais, é feita também por meio de ligações telefônicas e mensagens de texto no celular.

Considerações Finais

Durante certo tempo, o carnaval ficou quase reduzido aos desfiles das Escolas de Samba e aos grandes bailes dos clubes privados. Atualmente, no entanto, antes do início do carnaval oficial, há os chamados ensaios técnicos, que atraem muitas pessoas em uma verdadeira festa popular.

Nas sociedades, há sempre espaço para o festejar. Mesmo com os mecanismos alienantes da economia, com as opressoras limitações do poder, da mercantilização e da espetacularização, o povo infiltra nos interstícios da sociedade formas de vivências revitalizadoras a fim de recuperar seu sentido de participação. Dessa forma, seja no carnaval ou nas outras festas populares, a população encontra sempre uma forma de alternar do papel passivo de expectadora para um papel mais participativo, nutrindo e reforçando, assim, os laços sociais. Bueno (2008) destaca o importante papel de festas como o carnaval como mediadoras das diferenças econômicas, sociais e culturais e fortalecedoras da rede de relações sociais. As festas são espaços singulares para a prática da hospitalidade, uma vez que, minimizadas as diferenças, propiciam o acolhimento ao outro, em uma dinâmica de reciprocidade.

Percebe-se que a quadra e sede social da Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco é um local de encontro, de convivência e de sociabilidade para sua comunidade, é onde seus membros se reúnem, trocam experiências e fortalecem a amizade. Os ensaios para o carnaval, as reuniões e demais eventos que acontecem na quadra da agremiação ajudam a reforçar e promover os vínculos sociais entre as pessoas e também com o lugar. Embora alguns membros não morem na Barra Funda ou em seus arredores, existe um forte sentimento de pertença à Escola de Samba e também ao bairro onde ela está inserida. Acredita-se que, se não houvesse um espaço para o encontro e para a convivência dos membros, os vínculos existentes não seriam, talvez, tão sólidos e estáveis.

Sendo a hospitalidade entendida como o acolhimento ao outro e sua inserção em uma comunidade que não seja a sua e os lugares de hospitalidade definidos por Baptista (2008, p. 11)

como “lugares de convívio ameno, de encontro” onde há o “ensaio de novas sociabilidades”, pode-se dizer que a quadra da referida agremiação se caracteriza como um lugar de hospitalidade, embora se trate de uma pesquisa em andamento.

Identifica-se a restrição à ampliação da comunidade, pois apesar do estímulo à participação de turistas, a comunidade se fecha sobre si e há uma tímida abertura para sua inclusão. Os forasteiros são admitidos no interior da quadra, no entanto, não integram a chamada família. A barreira abstrada relatada por Raffestin (1997) também perpassa a possibilidade de integração nas diversas alas que compõem a sequência do desfile carnavalesco, dado que há alas em que o turista não é admitido, pois são restritas aos membros da comunidade.

O canal de divulgação das atividades é a página do *facebook*, todavia, não reúne todas as informações necessárias para a mobilização dos turistas, sendo, muitas vezes, compreendida apenas pela comunidade.

Referências

- Ansarah, M. G. (2001). *Turismo: como aprender, como ensinar*. (3ª ed., Vol. 2). São Paulo: Senac.
- Baptista, I. (2008). Hospitalidade e eleição intersubjectiva: Sobre o espírito que guarda os lugares. *Revista Hospitalidade*, Ano V, número 2.
- Baptista, I. (2002). Lugares de Hospitalidade. In: C. M. Dias, *Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas*. Barueri: Manole.
- Bastos, S., Bueno, M. S., & Salles, M. d. (2010). Hospitalidade: trajetória e possibilidades. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, n.4.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Belo, V. d. (2008). *O Enredo do Carnaval nos Enredos da Cidade: Dinâmica Territorial das Escolas de Samba em São Paulo*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.
- Blass, L. M. (2007). *Desfile na Avenida, Trabalho na Escola de Samba: a dupla face do carnaval*. São Paulo: AnnaBlume.
- Bueno, M. S. (Maio de 2012). Carnaval, Festa, Espetáculo. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*.
- Bueno, M. S. (2008). *Hospitalidade no jogo das relações sociais*. Goiânia: Editora Vieira.
- Bueno, M. S. (julho de 2008). Lazer, Festa, Festejar. *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, pp. 47-59.
- Camisa Verde e Branco. (s.d.). Acesso em 20 de outubro de 2013, disponível em Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco: <http://www.camisaverde.net/>
- Camisa Verde e Branco. (s.d.). *Página do Camisa Verde e Branco no Facebook*. Acesso em 10 de janeiro de 2014, disponível em <https://www.facebook.com/CamisaVerdeOficial>
- Coletivo Arnesto. (s.d.). Acesso em 09 de janeiro de 2014, disponível em Página do Coletivo Arnesto no facebook: www.facebook.com/ColetivoArnesto

- Gotman, A. (1997). A Questão da Hospitalidade Hoje em Dia (La question de l'hospitalité aujourd'hui). *Communications*, 65, 5-19.
- Gotman, A. (2008). O turismo e a encenação da hospitalidade. In: L. O. Camargo, & M. L. Bueno, *Cultura e Consumo: estilos de vida da contemporaneidade*. São Paulo: Editora Senac.
- Grassi, M.-C. (2004). Hospitalité. Passer lê seuil. In: A. Montandon, *Le livre de l'hospitalité. Accueil de l'étranger dans l'histoire et les cultures*. Paris: Bayard.
- Guimarães, V. L. (2012). *O Turismo Levado à Sério: Discursos e relações de poder no Brasil e na Argentina (1933-1946)*. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em História Comparada). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Observatório do Turismo/São Paulo Turismo. (2014). *A Folia em Números: Pesquisa do Carnaval de São Paulo 2014*. São Paulo: SPTuris.
- Observatório do Turismo/São Paulo Turismo. (2014). *Censo (100 anos) do Samba Paulistano (3ª ed.)*. São Paulo: São Paulo Turismo.
- Pitt-Rivers, J. (19 de Junho de 2012). The law of hospitality. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v.2, n.1, pp. 501-517.
- Queiroz, M. I. (1999). *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense.
- Raffestin, C. (1997). Réinventer l'hospitalité. *Communication*, 65, pp. 59-68.
- Sebe, J. C. (1986). *Carnaval, Carnavais*. São Paulo: Editora Ática.
- Simson, O. R. (2007). *Carnaval em branco e negro: Carnaval Popular Paulistano - 1914-1988 (Vol. 1)*. Campinas: Ed. Unicamp - Imprensa Oficial de São Paulo.
- Visite São Paulo. (2014). Acesso em 21 de junho de 2014, disponível em <http://www.visitesaopaulo.com/dados-da-cidade.asp>
- Wada, E. K. (2003). Reflexões de uma aprendiz da Hospitalidade. In: A. Dencker, & M. Bueno, *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades* (pp. 61-71). São Paulo: Pioneira Thomson.
- Xavier, C. V. (2010). *Micaretas ou Festas Micaretescas? Sobre espaços públicos e privados, lugares e locais na turistificação da folia em Goiânia*. Goiânia. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Universidade Federal de Goiânia.